

ESTUDOS DE ASPECTOS DA LÍNGUA KAIABI *

Patrícia de Oliveira Borges e SOUZA

RESUMO *Esta dissertação apresenta estudos de alguns aspectos da língua kaiabi (Tronco Tupi, família Tupi-Guarani), falada no Parque Indígena do Xingu, por um grupo de 747 indivíduos, e no Rio dos Peixes (Tatuy) e no Telles Pires, sem estimativa de indivíduos. A pesquisa desenvolvida se restringiu ao grupo xinguano.*

Inicialmente, apresentamos um apanhado geral de trabalhos já feitos sobre a língua em questão, acrescentando algumas observações resultantes da pesquisa realizada. Abordamos alguns aspectos pouco descritos na literatura, como é o caso de marcas de gênero (3ª pessoa e interlocução) e demonstrativos. Finalizamos com uma reflexão sobre as implicações desses aspectos e a produção escrita no contexto da formação de professores kaiabi, visto que as marcas de gênero (na 3ª pessoa e na interlocução) e o uso dos demonstrativos estão estritamente relacionados à oralidade.

Palavras-chave *Língua indígena–Brasil, Gênero, Escrita.*

ABSTRACT *This dissertation presents studies regarding some aspects of the language kaiabi (Tupi), spoken in the Parque Indígena do Xingu, by a group of 747 individuals, and also in the Rio dos Peixes and Rio Telles Pires, without estimate of individuals. The developed research is restricted to the group settled in Xingu.*

Initially, we present general aspects contained in works already published about kaiabi language, complemented by with some results issued from our research. We also approach some aspects barely described. As in the case of gender marks of sort (3ª person and verbal interaction) and demonstratives. We finish with a reflection on the implications of these aspects and the production written in the context of education of teachers kaiabi, since gender marks and the use of the demonstratives are strictly related to orality.

Key-words *Língua indígena – Brasil, Gênero, Escrita.*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 26 de fevereiro de 2004, orientada pela Profa. Dra. Lucy Seki.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é apresentar estudos de alguns aspectos da língua kaiabi¹, pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986), de modo particular pronomes pessoais (focalizando os de 3ª pessoa) e demonstrativos, limitados ao nível da sentença e de pequenos textos (portanto, não serão abordados aspectos anafóricos e catafóricos). Será apresentado, também, um breve resumo de aspectos dessa língua, com base em trabalhos de Rose Dobson (1973, 1988, 1997), Helga Weiss (1961) e Weiss & Dobson (s.d.)

A língua kaiabi é falada pelo povo Kaiabi que hoje se concentra principalmente em quatro Terras Indígenas: Terra Indígena Apiaká-Kayabi, Terra Indígena Cayabi e Terra Indígena Cayabi Gleba Sul e Parque Indígena do Xingu (doravante PIX). A pesquisa que resultou no trabalho apresentado foi desenvolvida entre os kaiabi do PIX. Lá, a língua kaiabi é falada por 747 indivíduos (Instituto Socioambiental, 2000), na região conhecida pelos moradores do Parque como baixo Xingu, espalhados em 10 aldeias ao longo dos rios Arraias e Xingu. A população é predominantemente bilíngüe, mas as crianças são predominantemente monolíngües em kaiabi.

Em 1996, envolvi-me no projeto de formação de professores indígena do Parque Xingu e, durante o período de assessoria aos professores kaiabi no contexto do referido projeto, alguns aspectos me chamaram a atenção: os pronomes pessoais, de modo especial os de terceira pessoa, os marcadores de interlocução definida e os demonstrativos. Estes são os focos principais do trabalho aqui apresentado, ainda que a investigação sobre tais assuntos não tenha sido exaustiva.

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS KAIABI

O povo Kaiabi

Os kaiabi que hoje estão localizados no Parque Indígena do Xingu foram para lá levados pelos irmãos Villas Bôas após a Expedição Roncador-Xingu, na década de 50 e 60. Antes disso, o povo Kaiabi se concentrava ao longo do Rio São Manuel ou Telles Pires em dois grandes aglomerados de aldeias, próximos um do outro, até por volta de 1920 (Villas Bôas, 1989), período em que a região começou a ser ocupada por seringueiros. Nessa época, a Inspetoria dos Índios em Cuiabá instalou o primeiro posto de atração (Posto Pedro Dantas), mas as relações entre os kaiabi e os encarregados do posto sempre foram hostis.

¹ Na literatura existente sobre o povo Kaiabi, diferentes denominações aparecem - Cahahis, Cajabis, Kajabi, Caiabis, Cayabi, Kayabi. Diante desta diversidade, será adotada a grafia utilizada de acordo com a convenção em uso nas escolas kaiabi do Parque Indígena do Xingu - *Kaiabi*.

Desde a primeira menção direta aos kaiabi em um documento escrito (1850, com a publicação dos relatos do viajante francês Francis de Castelnau) até a década de 40, eles eram pouco conhecidos, porém a literatura mostra que outros povos já se referiam a eles como “tribo hostil” ou “índios bravios” (*apud* Senra, 1999). Há relatórios de expedição, como a comandada por Antônio Pyrineus de Souza (1916), e trabalhos etnográficos sobre este povo como os de Grünberg e Max Schmidt (Travassos, 1993), nos quais aparecem com diferentes denominações - Cahahis, Cajabis, Kajabi, Caiabis, Cayabi, Kayabi.

Os kaiabi não sabem dizer de onde veio este nome, nem seu significado. Não têm, também, nenhuma outra autodenominação. Nos textos, quando se referem ao próprio povo, utilizam a palavra *e' yj²*, que são os antepassados, já mortos. É provável que o nome kaiabi seja a forma como outros grupos se referiam a eles, talvez os Apiaká, Bakairi ou Munduruku, visto que foi através destes grupos que vieram as primeiras informações sobre os kaiabi ainda no século XIX. Grünberg (*apud* Senra, 1999) sugere que a autodenominação seria *iputunuun*, “nosso pessoal”; segundo von den Steinen, a autodenominação seria *paruá* (*apud* Meliá, 1993), mas nenhuma das possibilidades se confirma entre os kaiabi.

Um kaiabi troca de nome várias vezes ao longo da sua vida, fato que coincide com passagens marcantes de sua vida (entrada na vida adulta, nascimento do primeiro filho, por exemplo). Antigamente, a participação em guerras, principalmente a morte do inimigo, era o principal motivo de mudança de nome. Nestas ocasiões, no retorno à aldeia, a pessoa era tatuada e ganhava o novo nome – o nome da tatuagem. Estes nomes eram bastante descritivos: eles estavam relacionados à forma do desenho, ao lugar no corpo onde eram feitos, ao tamanho³. Existiam alguns padrões básicos faciais masculinos e um único feminino. A tatuagem feminina era feita na menina quando criança, segundo relato de Kupei'i, Aldeia Sobradinho. As tatuagens serviam para identificação pessoal e grupal. De acordo com os relatos dos mais velhos, os kaiabi “pegaram” a tatuagem dos Apiaká, parentes muito próximos dos kaiabi, mas também grandes inimigos:

“(...) [os Kaiabi] mataram um Apiaká que tinha tatuagem. Então eles aprenderam a tatuagem deles; eles fizeram a tatuagem. Os Kaiabi deram vários nomes para a tatuagem. Foi assim que eles aprenderam; a tatuagem não é da gente, é do Apiaká.” (texto da pesquisa sobre a tatuagem – Jemy Kaiabi, 1997)

² As palavras kaiabi em itálico ao longo do texto estão grafadas de acordo com a convenção em uso nas escolas kaiabi do PIX. A vogal média alta é grafada com *y*, as aproximantes com *w* e *j* para a bilabial e palatal, respectivamente, e a glotal é grafada com o símbolo '.

³ As tatuagens kaiabi foram descritas Schmidt (1942), com apoio de ilustrações, mas apenas as tatuagens faciais. Há, também, o resultado de uma pesquisa do professor Jemy Kaiabi, à qual prestei assessoria, que traz 77 tatuagens (faciais e corporais), recuperadas através dos relatos dos mais velhos e testadas em várias aldeias. Essa pesquisa se encontra no Instituto Socioambiental e será parte integrante do livro de leitura *Yru Okote em* (pronto para publicação).

“Foi assim: nosso povo antigo brigava com o povo Apiaká, mas não devia, porque esse pessoal era nosso parente, nosso pessoal. (...) Apiaká fala igual à gente. Eu mesmo ouvi a fala deles.” (História da briga dos Kaiabi com Apiaká narrada por Aukusing Kaiabi, 1997)

Atualmente, há ainda alguns velhos tatuados e apenas um rapaz e quatro moças tatuados, estes últimos com desenhos faciais, feitos por Ywyt Kaiabi, numa tentativa de não se deixar perder este aspecto da cultura.

A Língua Kaiabi

A língua kaiabi é falada somente no Brasil e é classificada como pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986). É utilizada por todo o grupo que vive hoje no PIX e segundo informações deste, por alguns indivíduos que ainda permanecem no Tatuy, e no Baixo Telles Pires. Em contato com algumas pessoas dessas regiões que estavam em visita ao Parque, pude observar que entre elas o português era preferido como língua de convívio social.

É bastante comum ouvir os kaiabi do Xingu se referindo à perda da língua, dos conhecimentos tradicionais e à introdução de alimentos dos “brancos” quando mencionam os kaiabi do Tatuy e do Telles Pires, numa explícita referência ao enfraquecimento da cultura tradicional desta parte do grupo. Meliá (1993) já chamava a atenção para o fato de que, dentre os 102 kaiabi do Tatuy, 78 falavam o português e, destes, a maior parte era de mulheres (42 mulheres contra 36 homens). O autor sugere que este fato pode ser atribuído a três fatores principais: i) a permanência de um grupo de crianças na escola da Missão de Utiariti, na década de 60; ii) a presença de missionários e colaboradores da Missão – que só se utilizavam do português em sua comunicação com os kaiabi; iii) a residência de alguns kaiabi, por um tempo relativamente prolongado em ambientes de língua portuguesa. E ressalta que *“os mesmos caiabis do Rio dos Peixes estão conscientes de que o uso da língua indígena no grupo xinguano goza de mais força e extensão, fato que apreciam positivamente”* (Meliá, 1993, p. 489).

Os kaiabi do PIX são predominantemente bilíngües, principalmente os homens que entendem e falam o português e o kaiabi. Com relação às mulheres, grande parte entende e fala o kaiabi, mas não fala o português - somente entende esta língua. As crianças são predominantemente monolíngües em kaiabi, tanto quanto menores forem, de acordo com o que se pôde observar nas visitas às aldeias.

Um aspecto interessante desta língua é a resistência a empréstimos do português. Embora haja um contato relativamente longo com a sociedade nacional e com tudo que a cerca (objetos, terminologia etc) – e que hoje fazem parte do cotidiano kaiabi – há uma forte tendência de se traduzir estas novas palavras/conceitos através da utilização de um neologismo ou de uma palavra já existente na língua, com uma nova significação. Não se pretende discutir aqui se o termo resultante de neologismo ou deslocamento

lexical é adequado, se corresponde ao conceito ou não⁴; o importante, neste caso, é verificar que este é um mecanismo produtivo da língua. Seki (2000, pp. 403-405) chama a atenção para a tendência semelhante na língua kamaiurá.

Materiais sobre a língua

O primeiro material sobre a língua kaiabi foi uma lista de palavras coletada por Max Schmidt (*apud* Meliá, 1993, pp. 488), que permitiu a identificação da língua como pertencente ao grupo Tupi. Há, também, uma lista de palavras coletada pelos irmãos Villas Bôas (1989) sobre “o falar kayabí” (plantas cultivadas nas roças, artesanato, utensílios caseiros etc), mas não há nenhum rigor científico no registro das palavras. A partir da década de 60, Rose M. Dobson e Helga Weiss, duas missionárias do SIL, investigaram mais sistematicamente a língua e publicaram alguns artigos, uma gramática pedagógica, cartilhas.

Rose Dobson apresentou em *Aspectos da Língua Kaiabi* (1988) estudos sobre a morfofonêmica kaiabi, os padrões oracionais kaiabi, locativos e partículas de movimento e questões acerca do discurso narrativo (funções das formas verbais narrativas, declarativas e de enfoque; uso de conectivos referenciais). Há, ainda, dois artigos na *Série Lingüística* (1973 e 1976): “Notas sobre os substantivos” e “Repetição em Kaiabi”. Em 1997, a autora divulgou, ainda em versão preliminar, a “Gramática prática com exercícios da língua kayabí”, cujo objetivo é “explicar, em termos não técnicos, algumas partes da gramática da língua kayabí (...) para quem quer aprender a falar a língua”. Finalmente, há um arquivo de textos indígenas (1991), ao qual, infelizmente, não tive acesso.

Há um artigo de Helga Weiss sobre a terminologia de parentesco kaiabi (1985), e sua tese de doutorado *Para um dicionário da língua kayabi* (1998), apresentada na USP. Juntas, Dobson e Weiss fizeram um estudo sobre a fonêmica kaiabi, cópia disponível como *paper* no CEDAE/Unicamp.

Além desses materiais, há cartilhas em kaiabi feitas pelo SIL em 1985, destinadas à alfabetização e “visando os futuros programas de alfabetização bilíngüe”, de acordo com a nota apresentada no referido material. Em 1988, foi feita também pelo SIL a *Cartilha Experimental de Transição do Português para o Kayabí para Crianças*, evidenciando que neste período as crianças kaiabi eram alfabetizadas em português. Os professores kaiabi do PIX se mostraram resistentes em utilizar tais materiais na escola e não só decidiram utilizar outra convenção de escrita – com poucas diferenças da proposta por Rose Dobson e Helga Weiss – como também optaram por produzir os próprios materiais a serem utilizados nas escolas⁵ do PIX. Assim, foi produzido o livro

⁴ Por exemplo, “rádio” é *maraka je’eng* – o que fala música. “Bolacha, biscoito” é *mani’oko’oi’i*, beiju pequeno. Na disciplina de ciências, a palavra utilizada para “verme” é *iwo’i*, a mesma que é usada para minhoca. “Prostituta” entrou para a língua como *kujā menare’em* (mulher sem marido).

⁵ Os professores kaiabi, juntamente com a comunidade alfabetizada, decidiram por materiais escritos somente em kaiabi, sem apresentar a tradução em português, como acontece nos materiais do SIL, pois, de acordo com eles, a tradução não fica adequada ao que está escrito em kaiabi.

de alfabetização *Jane jemu'jawa ypyrungawa jane je'enga* (publicado em 1999) e o livro de leitura *Yru Okote'em* (pronto para publicação).

Comparativamente com outras línguas indígenas, a literatura sobre a língua kaiabi é relativamente extensa. No entanto alguns aspectos são tratados bastante superficialmente, como é o caso dos demonstrativos. Permanecendo ainda no nível da sentença, tentaremos aprofundar um pouco mais esse sistema da língua.

ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA KAIABI

Os aspectos apresentados aqui têm por base os trabalhos de Rose Dobson (1973, 1988, 1997), Helga Weiss (1961) e Weiss & Dobson (s.d.), portanto a terminologia adotada aqui é a utilizada pelas autoras. Com relação aos símbolos da transcrição, como as autoras supracitadas usam diferentes símbolos em seus artigos, optou-se por utilizar aqui os símbolos do IPA.

A língua kaiabi apresenta mudanças morfofonêmicas entre as fronteiras de morfemas, como ocorre em outras línguas do tronco Tupi, e marcação morfológica dos nominais na oração, como o Kamaiurá (Seki, 2000). Também, assim como outras línguas do tronco Tupi, principalmente naquelas pertencentes à família Tupi-Guarani, encontramos entre o prefixo de posse e o radical possuído uma classe de prefixos relacionais. E é uma língua posposicional.

A ordem básica da língua kaiabi é OSV, para S(substantivo) e O(substantivo) sendo possível a ordem SOV em construções topicalizadas.

Fonemas em Kaiabi

Há um estudo sem publicação sobre a fonêmica da língua Kaiabi feita por Helga Weiss e Ruth Dobson⁶ (s.d.). Embora a investigação dos fonemas não tenha sido o ponto principal deste trabalho, os resultados dessa pesquisa estão de acordo com a análise das autoras, com algumas pequenas discordâncias.

Vogais

	Anterior		Central		Posterior	
	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral
Altas	ĩ	i	ṽ	ɨ	ũ	u
Baixas	ẽ	e	ã	a	õ	o

⁶ Manuscrito à disposição no CEDAE.

Consoantes

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Oclusiva	p		t		k g	k ^w	ʔ
Fricativa		f	s				
Aproximante	w			j			
Nasal	m		n		ŋ		
Tap			r				

ASPECTOS DÊITICOS

Para Lyons (1979, p. 290), a noção de dêixis pode ser compreendida da seguinte forma:

“Todo enunciado lingüístico se realiza num lugar particular e num tempo particular: ocorre numa situação espaço-temporal.(...) A noção de dêixis - que é simplesmente a palavra grega que exprime a ação de ‘apontar’ ou ‘indicar’, e veio a ser um termo técnico da teoria gramatical - foi introduzida para indicar os traços ‘orientacionais’ da língua que se relacionam com o tempo e o lugar do enunciado. Os chamados pronomes pessoais - eu, tu (você), ele, etc - constituem apenas uma classe dos elementos da língua cujo significado se determina pela referência às ‘coordenadas dêiticas’ da situação típica do enunciado”

Apresentaremos alguns aspectos dêiticos pessoais e demonstrativos do kaiabi, limitados ao nível da sentença.

Dêixis Pessoal

Os pronomes pessoais em kaiabi podem ocorrer na forma livre e na forma presa. Segundo Dobson (1988), há diferentes pronomes marcadores subjetivos e objetivos para as diferentes formas verbais⁷. O quadro abaixo apresenta os pronomes livres objetivos de verbos transitivos⁸.

⁷ De acordo com Dobson, cada verbo em kaiabi pode ocorrer nas formas declarativa, narrativa ou de enfoque e a ocorrência dos pronomes está relacionada à forma em que está o verbo.

⁸ Não trataremos de outros tipos de pronomes, pois nos interessa discutir as marcas de gênero presentes nesses marcadores objetivos.

1ª ps	je	
2ª ps	ene	
3ª ps masculino	kīā (MF)	ʔŋa (HF)
feminino	kīnā (MF)	ēē (HF)
1ª pp inclusivo	jane	
exclusivo	ore	
2ª pp	pē	
3ª pp	wā (MF)	ʔŋā (HF)

Os pronomes pessoais apresentam as seguintes distinções de pessoa e número: 1ª pessoa singular/plural (no plural, apresentam a distinção *inclusivo* e *exclusivo*), 2ª pessoa singular/plural. Os pronomes livres de 3ª pessoa do singular e do plural apresentam distinção de gênero, do falante e do referente.

Os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa apontam para as pessoas do discurso – o falante e o ouvinte, *quem fala* e *para quem se fala*, respectivamente. A terceira pessoa, *a pessoa de quem se fala*, é tratada como uma “não-pessoa”, o membro não marcado da correlação de pessoa (Benveniste, 1988, p. 278-279) no ato da enunciação; é a referência zero fora da relação *eu/tu*. No entanto, em kaiabi, quando se faz referência à 3ª pessoa, *ele*, necessariamente se aponta para o *eu*, o locutor, pois o gênero do locutor e do referente define o pronome a ser utilizado. Assim, uma mulher falando utiliza pronomes de terceira pessoa diferentes dos utilizados por um homem. Analisaremos as marcas de gênero na terceira pessoa do singular⁹ e na interlocução.

A Terceira Pessoa do Singular

Sobre pronomes de 3ª pessoa na fala feminina e masculina, cuja existência foi verificada por Dobson (1973, pp. 36-37), essa autora diz que:

O emprego das formas de terceira pessoa é determinado por quem está falando e a quem se refere. Um falante masculino utiliza um conjunto de pronomes para indicar referentes de gênero masculino, feminino ou plural, enquanto um falante do sexo feminino utiliza um conjunto diferente (ver quadro a seguir).

Referente	ele	ela	eles
Falante			
Homem falando	ʔŋa	ēē	ʔŋā
Mulher falando	kīā	kīnā	wā

⁹ Na terceira pessoa do plural só há distinção quanto ao gênero do falante.

- (1) u-ʔat kinā ‘ela caiu’ (mulher falando)
 3-cair 3sfM
- (2) i-roʔi ēē ‘ela está com febre’ (homem falando)
 3-febre 3sfH

Como se pode ver no quadro anterior, o pronome de terceira pessoa reflete simultaneamente o gênero do falante e do referente. No que se refere à ocorrência desses pronomes, Dobson diz que os pronomes podem acompanhar nome ou substantivo. No entanto, nas narrativas, em que há participantes de diferentes gêneros envolvidos, o discurso direto reflete o locutor daquela oração, independentemente do gênero do narrador.

- (3) aw-amũ ore oj Lucy ēē rog-ipe.
 então 1pi ir 3sfH casa loc
- soo kinā rog-ipe jare-uʔa jaw - eʔi Cilene ēē Patrícia ēē upe
 ir 3sfM casa loc 1 pe comer convite dizer 3sfH 3sfH para
- ko. aʔeramũ ēē:
 pass então 3sfH
- ene-aatawet te ene? – jaw Patrícia jee ko.
 2s quer ir interr 2s falar para mim pas

Tradução livre: (narrador masculino) ‘Nós estávamos indo para a casa da Lucy.

- Vamos jantar na casa da Lucy? – disse a Cilene para a Patrícia.

- Você quer ir? – a Patrícia falou para mim.’

Assim, analisando o uso dos pronomes, é possível definir exatamente as vozes do diálogo no exemplo 3: o narrador é um homem e os participantes são mulheres (Lucy, Cilene e Patrícia). A respeito dos pronomes que ocorrem acompanhando os substantivos, Dobson (1997, p. 82) diz que, “quando se fala de uma pessoa, normalmente se inclui o pronome junto com o nome ou substantivo” e que “o pronome também pode ser utilizado com animais para indicar o sexo deste”. No entanto, a ocorrência destes pronomes parece ter uma função discursiva, apontando para o locutor, e não somente para “acompanhar” o nome, como pôde ser visto no exemplo 3.

Aqui é importante mencionar que não é comum pronomes com distinção de gênero nas línguas Tupi. Em Aweti, Borella (2000) relata a ocorrência de prefixos de terceira pessoa não reflexiva que variam conforme o gênero do falante, mas não há qualquer relação com o gênero do referente. Esta variação estaria presente também nos demonstrativos e em alguns nomes de parentesco. Em Kamaiurá, Seki (2000, pp. 100-102) descreve as partículas de sexo (aquelas utilizadas por homem e aquelas utilizadas por mulheres) que ocorrem em posição final. Em nenhum caso, porém, o uso da partícula ou do pronome está condicionado tanto pelo gênero do falante quanto do referente, como ocorre em kaiabi.

Interlocução

No ato de “contar histórias”, mesmo que haja um grupo grande de ouvintes, o narrador kaiabi se remete a apenas um ouvinte. Para isso, ele utiliza partículas que indicam quem fala e para quem se fala (através delas, sabe-se o sexo do falante e do ouvinte). Além disso, estas partículas têm uma função fática; quando o contador de história as utiliza, o interlocutor – aquele para quem a história está sendo contada – responde.

Nos casos de conversa informal, quando a partícula é utilizada a interlocução é marcada, definida, não exige resposta do interlocutor.

- (4) opa ʔŋa raʔe ‘ele já acordou’ (não atestado) – homem falando
(5) opa ẽẽ raʔe ‘ela já acordou’ (não atestado) – homem falando
(6) opa kinã raʔe ‘ela já acordou’ (não atestado) – mulher falando
(7) opa kiã raʔe ‘ele já acordou’ (não atestado) – mulher falando
(8) opa je ko ‘eu já acordei’
(9) opa je ko kīʔi ‘eu já acordei’ (mulher falando para homem)
(10) opa je ko kin ‘eu já acordei’ (mulher falando para mulher)

As partículas utilizadas são:

	Ouvinte	Homem	Mulher
Falante			
Homem		kuĩ	ĩ
Mulher		kīʔi	kin

Estas partículas ocorrem sempre em final de oração.

- (11) ene-remiarũ te ene kĩa ree kin ‘você gosta dele?’ (mulher falando
2s-gostar inter 2s 3smM posp intMM para mulher)
(12) ene-remiarũ te ene ʔŋa ree ĩ ‘você gosta dele?’ (homem falando
2s-gostar inter 2s 3smH posp intMM para mulher)

Nos textos apresentados em Dobson (1973, 1976, 1988), essas partículas são tratadas como *vocativos*, e não há referência à questão do gênero do falante e ouvinte. No entanto, considerando os personagens dos textos e a utilização dessas partículas, a relação gênero do falante e do ouvinte apresentada no quadro acima se confirma.

Aspectos dêiticos espaciais

As referências espaciais podem ocorrer como advérbios locativos, adjetivos demonstrativos e pronomes demonstrativos¹⁰ (Anderson & Keenan, 1985). Algumas

línguas podem indicar objetos através da referência à localização destes com relação à posição do falante no espaço. Outras, podem orientar para as pessoas do discurso (por exemplo, se um objeto está próximo do interlocutor, do falante ou distante de ambos – como ocorre em português).

No presente trabalho, trataremos somente dos demonstrativos¹¹ em kaiabi.

Verbos Posicionais

Em kaiabi, é comum a ocorrência de verbos posicionais que indicam a posição do sujeito e/ou objeto, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (13) o-pa je ko kiɾĩ 'eu já acordei' (mulher falando para homem)
 1s-acordar 1s pas intMH
- (14) o-pa je te-jupa kiɾĩ 'eu já acordei' (mulher falando para homem)
 1s-acordar 1s 1s-V[hor] intMH
- (15) o-pa je teɾĩinã kɪn 'eu já acordei' (mulher falando para mulher)
 1s-acordar 1s 1s-V[n-est] intMH
- (16) o-pinaetĩ je teɾama 'eu pesco'
 1s-pescar 1s 1s-V[vert]

Assim como em kamaiurá (Seki, 2000, p. 142), três posições podem ser identificadas em kaiabi através dos verbos posicionais: a estendida verticalmente (-ɾam), estendida horizontalmente (-jup) e a não estendida (-ɾĩĩ). Além destes, há o verbo -ko, que indica modo progressivo e inclui a idéia de movimento (Dobson, 1997, pp. 37). Estes verbos são irregulares e co-ocorrem com os demonstrativos.

Demonstrativos

A questão da dêixis foi pouco estudada na língua kayabi, em particular, assim como foi pouco vista nas línguas Tupi-Guarani, de modo geral. Entretanto sabe-se que o sistema referencial ou dêitico é bastante rico nas línguas dessa família. Por exemplo, em tupinambá (Rodrigues, s.d.), para os pronomes demonstrativos, são relevantes os componentes semânticos: *i*) proximidade do falante, *ii*) proximidade do ouvinte, *iii*) visibilidade e *iv*) indeterminação.

Já em tapirapé, língua da família Tupi-Guarani, o sistema fundamental dos pronomes demonstrativos indica o tipo e a posição do objeto e a distância em relação

¹⁰ Neste trabalho, os pronomes demonstrativos e os adjetivos demonstrativos estão incluídos dentro da classe de palavras dos *Demonstrativos*.

¹¹ Para o conhecimento dos locativos e relações espaciais com movimento, ver artigo *Relacionadores integrantes de sintagmas do tipo eixo relacionador*, (Dobson, 1988, pp 65-82).

ao falante (a classe ‘ser vivo’ segue o mesmo sistema de ‘objeto longo’). Assim, um homem ou uma faca deitados ou em ação (isto é, o homem andando ou a faca sendo empunhada) serão mostrados com o demonstrativo **eqe**, o homem sentado ou a faca encostada na parede com **ewi** e o homem de pé ou a faca enfiada no chão com **epe**. Um objeto que consista essencialmente de uma superfície plana, como camisa, retrato, será, em qualquer posição, mostrado com **epe** (Almeida, 1983). Ainda sobre essa língua, Yonne Leite (1997) complementa que a escolha de um demonstrativo ou outro se dá pela “forma” do referente (**ekwe** para “comprido”/“chato”; **epe** para “redondo”; **ewi** para “alto”¹²), resultando, assim, em um sistema em que se juntam classificação, forma, quantificação, perspectiva do falante (próximo/distante; visível/invisível) em seu uso para apontar objetos. Os demonstrativos em tapirapé ocorrem com verbos posicionais que indicam as posições em pé, sentado e deitado.

Em kaiabi, os demonstrativos foram descritos parcialmente. Somente na *Gramática Prática* (1997, p. 119), há referência a esses pronomes, ainda assim com foco no seu valor locativo. Sobre eles, Dobson diz que:

“As palavras demonstrativas seguem o mesmo padrão [de ocorrência dos verbos posicionais] e indicam a diferença entre um ser passível de movimento ou não, e a posição de algo sem movimento.

	sem movimento		com movimento
	sentado	deitado	
aqui/este	ʔaŋamũ	ʔawamũ	koramũ
lá/aquele	mĩnamũ	peramũ	kweramũ
verbo usado	teni	tuwi	ekoi

Como a definição de posição tal como “sentado” ou “deitado” é muito ampla, apresentamos, aqui, uma definição mais específica:

ʔaŋamũ/mĩnamũ e o verbo teni indicam que a coisa, ou a pessoa, ocupa mais espaço vertical do que horizontal.

ʔaŋamũ/meramũ e o verbo tuwi indicam que a coisa, ou a pessoa, ocupa mais espaço horizontal do que vertical.

koramũ/kweramũ e o verbo ekoi indicam que há movimento atual, ou potencial. Por exemplo, algo que está pendurado ou que está em água, pediriam estas formas,

¹² É preciso ressaltar que a perspectiva visual pode ser diferente da que costumamos utilizar. Assim, em Tapirapé, um *homem/mulher sentado(a)* é considerado *alto* e um *homem/mulher em pé* é considerado *redondo*, por exemplo.

pois o movimento expresso pode ocorrer com qualquer ventinho ou com movimento d'água."

No entanto, analisando os dados sobre kaiabi, observa-se que os traços que Dobson (1997) apresenta como relevantes estão em parte adequados para os demonstrativos. A distinção *estendido, horizontal; estendido, vertical e neutro* (que pode indicar *com movimento* ou *em posição indefinida*) parece ser mais abrangente que a proposta por Dobson, principalmente se consideramos a ocorrência ʔaŋamũ/ʔaŋa; ʔawamũ/ʔawa; koramũ/koa; mĩnamũ/mĩã; peramũ/pea; k^weramũ/k^wea (ver quadro à frente). No trecho citado anteriormente, Dobson considera apenas as formas com o sufixo amũ~ramũ, mas as formas sem o sufixo ocorrem também, como se pode ver nos exemplos 29 a 32.

- | | | | | |
|------|----------------------|-------------|---|---|
| (17) | koramũ | kaʔi-a | rekoi | 'isto é macaco' (andando no chão, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[n-est] | |
| (18) | k ^w eramũ | kaʔi-a | rekoi | 'aquilo é macaco' (andando no chão, longe do falante) |
| | aquilo | macaco-mn | V[n-est] | |
| (19) | koramũ | kaʔi-a | rekoi | 'isto é macaco' (pendurado no galho, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[n-est] | |
| (20) | ʔaŋamũ | kaʔi-a | renĩ | 'isto é macaco' (sentado no galho, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[vert] | |
| (21) | ʔawamũ | kaʔi-a | ruwi | 'isto é macaco' (no girau, assando, perto do falante) |
| | isto | macaco-mn | V[hor] | |
| (22) | peramũ | kaʔi-a | ruwi | 'aquilo é macaco' (no girau, assando, longe do falante) |
| | aquilo | macaco-mn | V[hor] | |
| (23) | ʔawamũ | moja | ruwi | 'aquela cobra' (morta) |
| | esta | cobra-mn | V[hor] | |
| (24) | ʔaŋamũ | kasuru-a | reni | 'este cachorro' (sentado, perto do falante) |
| | esse | cachorro-mn | V[vert] | |
| (25) | mĩnamũ | kasuru-a | reni | 'aquele cachorro' (sentado, longe do falante) |
| | aquele | cachorro-mn | V[vert] | |
| (26) | peramũ | kasuru-a | ruwi | 'aquele cachorro' (deitado, dormindo, longe do falante) |
| | aquele | cachorro-mn | V[hor] | |
| (27) | peramũ | tuwi | 'aquele [cachorro]' (deitado, dormindo, longe do falante) | |
| | aquele | V[hor] | | |
| (28) | peramũ | iʔamĩ | 'aquele [cachorro]' (em pé, longe do falante) | |
| | aquele | V[em pé] | | |

Dobson não registra a ocorrência do verbo posicional iʔamĩ (exemplo 28) com os demonstrativos. Verificou-se, no entanto, este pode ocorrer com as formas peramũ (exemplo anterior) e ʔawamũ.

De acordo com o que se pôde observar nos dados da pesquisa ora apresentada, as formas *teni*, *tuwi*, *eko* e *iʔamĩ* acompanham o demonstrativo quando este ocorre sozinho, sem o substantivo. Quando ocorrem com o substantivo expresso, são encontradas as formas *reni*, *ruwi*, *reko* e *ʔamĩ*. Há, ainda, a ocorrência do demonstrativo *poramũ*¹³, que não é mencionado por Dobson (1997).

Um outro aspecto que não é tratado por Dobson é a ocorrência do demonstrativo como modificador. Nos dados coletados, ele pode acompanhar o nome e receber a marca nominal, assim como ocorre em *kamaiurá*, em que os demonstrativos também são encontrados precedendo o nome núcleo, marcados ou não com o sufixo {-a} (Seki, 2000, p. 118). Processo muito semelhante ocorre em *kaiabi*, como se pode ver abaixo.

- (29) *ko-a moʔir-a esageaĩ* ‘este colar é bonito’ (colar no pescoço, pendurado
este-mn colar-mn bonito ou segurando)

O demonstrativo pode ocorrer, também, com o substantivo elíptico.

- (30) *aw-a esageaĩ* ‘este é bonito’ (caderno deitado na mesa)
este-mn bonito

Observando a ocorrência dos demonstrativos abaixo, é possível perceber que a sustentação do objeto e seu tamanho com relação à superfície ‘chão’ interferem na utilização de uma ou outra forma¹⁴:

- (31) *pea kanawa* ‘aquele banco’
(32) *mĩã kanawarete* ‘aquele banco’ (banco *kaiabi*)

Assim sendo, os traços relevantes para o uso de uma forma demonstrativa ou outra parecem decorrer da interrelação da **posição** do objeto e a **distância** com relação ao locutor, caso o objeto esteja visível, e a audibilidade, se não estiver visível, juntamente com a utilização dos verbos posicionais. Assim, o quadro dos demonstrativos fica da seguinte forma, diferentemente do apresentado por Dobson:

¹³ O morfema *ramu*, segundo Dobson (1998), “expressa o resultado final de uma ação. Outro uso de *ramu* é aquele que expressa a idéia de transformar-se, por exemplo, mudança de estado, muito utilizado nas histórias”. Os demonstrativos, porém, não parecem estar relacionados a nenhum desses sentidos.

¹⁴ Esta questão, no entanto merece um estudo mais aprofundado, o que não foi possível fazer neste trabalho.

Distância / Posição	Bem próximo do falante ou tocando o objeto	Afastado do falante	Não visível	Verbo
Horizontal estendido	awamũ/awa	peramũ/pea		tuwi ʔamĩ
Vertical estendido	aŋjamũ/aŋja	minamũ/mĩã		teni
Neutro	koramũ/koa	k ^w eramũ/k ^w ea		ekoj
Audível			poramũ	

Para finalizar o trabalho, são apresentadas algumas considerações sobre a produção escrita no contexto da formação dos professores, de modo particular no que se refere aos pronomes de terceira pessoa e os demonstrativos.

Para os kaiabi, as funções da escrita na língua ainda estão restritas ao espaço escolar. Nas atividades de produção de textos, por motivos óbvios, a interlocução é suprimida: quando se escreve uma narrativa, não se sabe exatamente qual será o leitor (que estaria no lugar do interlocutor). Dessa forma, começa a existir a segmentação fala/escrita - as marcas da oralidade estarão ausentes na escrita.

As marcas de gênero pouco aparecem nos textos, assim como as marcas de interlocução definida. Quando aparece o pronome de terceira pessoa, obrigatoriamente, há a referência de gênero de autor do texto. É interessante observar que há uma preferência evidente para textos descritivos ou narrativos sem a ocorrência de discurso direto. Nas narrativas orais, é muito comum a ocorrência do discurso direto, e é nesses trechos que se pode observar, principalmente, a presença das marcas de gênero dadas tanto pelos pronomes de terceira pessoa como pelas marcas de interlocução, refletindo o delicado jogo entre os personagens do texto e o narrador. Na oralidade, mesmo as pequenas histórias do cotidiano são recheadas de discurso direto, porém, dos textos que aparecem nos dois materiais didáticos, nenhum o apresenta.

Uma outra questão que merece cuidado é com relação aos demonstrativos. Por exemplo, na Cartilha 1 do SIL, quando se apresenta uma palavra, há um desenho do objeto ou animal e uma frase abaixo. Em alguns casos, a frase é iniciada pelo demonstrativo, geralmente iniciada por “isto é...”, como consta na tradução. Alguns kaiabi, porém, não aceitam a forma como está no livro. Uma análise minuciosa das justificativas acerca da não aceitação leva a crer que é preciso levar em consideração a perspectiva do leitor diante da cartilha. Uma explicação para as diferentes posturas diante do mesmo exemplo seria as diversas possibilidades de leitura das frases: relacioná-las ao desenho apresentado ou ao mundo real. Assim, um desenho de um tamanduá que o registre numa posição estática, receberia a frase 'awamũ tamanauua (isto é um tamanduá – estendido horizontal). Mas, no mundo real, em que o tamanduá pode estar andando, pode-se utilizar o demonstrativo koramũ tamanauua (posição neutra) e a frase, então, deixa de ser aplicada ao desenho apresentado. Dessa forma, um leitor

pode achar que a frase está ruim, se sua perspectiva for o desenho, ou que a frase está boa, abstraindo-se do desenho.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. IRMÃZINHAS DE JESUS & GOUVEIA, L. (1983). *A Língua Tapirapé*. Rio de Janeiro, Xerox do Brasil.
- ANDERSON, S.R & KEENAN, E.L. (1985). *Deixis*. In *Language typology and syntactic description - vol.3*. Ed. Timothy Shopen. USA, Cambridge, pp 259 – 307.
- BENVENISTE, E. (1988). *A natureza dos pronomes*. In *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, Pontes, pp. 277 – 283.
- BORELLA, C.C. (2000). *Aspectos Morfossintáticos da Língua Aweti*. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP.
- DOBSON, R. M. (1973). *Notas sobre substantivos do Kayabí*. In *Série Linguística nº 1*. Brasília, SIL, pp. 33-56.
- _____. (1976). *Repetição em Kayabí*. In *Série Linguística nº 5*. Brasília, SIL, pp. 83-105.
- _____. (1977). *Kayabi Texts*. Microficha (cópia no CEDAE/Unicamp)
- _____. (1980). *Clause Patterns of Kayabi*. Texto (a cópia no CEDAE/Unicamp).
- _____. (1988). *Aspectos da língua Kayabí*. *Série Linguística nº 12*. Brasília, SIL.
- _____. (1991). *Arquivo de textos indígenas*. Texto. (a cópia no CEDAE/Unicamp).
- _____. (1997). *Gramática prática com exercícios da língua Kayabí*. Arquivo Linguístico nº 228. Cuiabá, SIL.
- FERREIRA, M.K.L. (1998). *A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena: a trajetória Kayabi até o Parque do Xingu*. In *Madikauku, os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil*. Brasília, MEC, pp. 88-107.
- GRÜNBERG, G. (1970). *Beiträge zur Ethnographie der Kayabi Zentralbrasilien*. In *Archiv für Völkerkunde*. Viena, 24. (Contribuições para a Etnografia dos Kayabi do Brasil Central, trad. Eugênio Wenzel, s.d.)
- Jane Jemu'Jawa Ypirungawa Jane Je'enga: livro para alfabetização da língua Kaiabi*. (1999). São Paulo, Instituto Socioambiental; Brasília, MEC, Secretaria de Educação Fundamental.
- LEITE, Y. (1997). *De homens, árvores e sapos: forma, espaço e tempo em Tapirapé*. In *Actas de las III Jornadas de Linguística Aboriginen*. Universidade de Buenos Aires, pp.
- LYONS, J. (1975). *Deixis as the source of reference, Formal Semantics of Matural languages papers from a colloquium sponsored by the king's College research Center, Cambridge*, editado por Edward L. Keenan Cambridge University Press. New York.
- _____. (1979). *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo.

- MELIÁ, B. (1989). *Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena*. In *A Conquista da Escrita – encontros de educação indígena OPAN*. Orgs. Emiri, L. & Monserrat, R. São Paulo: Iluminuras, pp. 9-16.
- _____. (1993). *Os Caiabis Não-xinguanos*. In *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. Org. Coelho, V. P. São Paulo: Edusp, pp. 445-484.
- Povos Indígenas do Brasil, 1996-2000*. (2000). São Paulo: Instituto Socioambiental.
- RODRIGUES, A.D. (1986). *Línguas Indígenas do Brasil - Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola. (s.d.) *Estrutura do Tupinambá*. (cópia cedida)
- SCHMIDT, M. (1942). *Los Kayabi em Mato-Grosso (Brasil)*. In: *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Assunción, 5.
- SHOPEN, T. (1996). *Language typology and syntatic description*. USA: Cambridge.
- SEKI, L. (1990). *Kamaiurá (tupi-guarani) as an Active-Static Language*. In *Amazonian Linguistics - Studies in Lowland South American Languages*. Ed. Doris L. Payne. Austin: Univesity of Texas, pp. 367-391.
- _____. (1993). *Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Parque Xingu*. In *Lingüística Indígena e Educação na América Latina*. Org. Seki, L. São Paulo: Editora da UNICAMP, pp. 89 – 117.
- _____. (1999). *Categorias Lexicais e categorias sintático- funcionais em Kamaiurá (Tupi- Guarani)*. In “I Congresso de Línguas Indígenas da Sudamérica”. Lima, Peru.
- _____. (2000). *Gramática da Língua Kamaiurá*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SENRA, K.V. (1999). *Verbete sobre os Kayabi*. In www.socioambiental.org .
- SOUZA, A.P. (1916). *Exploração do rio Paranatinga 1915-1916*. Comissão de Linhas Telegráficas (vol. 34).
- SUZUKI, M.S. (1997). *Ou Isto ou Aquilo - Um estudo sobre o sistema dêitico da língua Sataré - Mawé*. Dissertação de Mestrado. Guajará – Mirim: Centro de Pesquisas das Línguas Amazônicas.
- TRAVASSOS, E. (1993). *A tradição guerreira nas narrativas e nos cantos caiabis*. In *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. Org. Coelho, V. P. São Paulo: Edusp, pp. 445-484.
- VILLAS BÔAS, O. & VILLAS BÔAS, C. (1989). *Xingu: os Kayabi do rio São Manoel*. Porto Alegre: Kuarup.
- WEISS, H.E. & DOBSON, R.M. (s.d.). *Phonemic Statement of Kayabi* (paper) – a cópia se encontra no CEDAE (IEL/Unicamp)
- WEISS, H.E. (1961). *Formulário dos Vocabulários padrões para os estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras – PI Xingu/Posto Tatuí – Rio dos Peixes* – a cópia se encontra no CEDAE (IEL/Unicamp)
- _____. (1972). *Kayabi Verbs*. A cópia se encontra no Cedae (IEL/Unicamp).
- _____. (1985). *Kayabi (Tupian) kinship terminology*. In *South American kinship: eight kinship systems from Brazil and Colômbia*. Dallas: The International Museum of Cultures, pp. 113-22.
- _____. (1998). *Para um dicionário da língua kayabi*. Tese de doutorado. USP. São Paulo.
- SOUZA, P.B. (org) (no prelo) *Yru Okote'em: livro de leitura na língua Kaiabi*.

ABREVIATURAS

dem	Demonstrativo
HF	Homem falando
intMM	Interlocução - mulher falando para mulher
intMH	Interlocução - mulher falando para homem
intHM	Interlocução - homem falando para mulher
intHH	Interlocução - homem falando para homem
loc	Locativo
mn	Marcador nominal
posp	posposição
tn	terminação verbal da forma narrativa
V[vert]	Verbo auxiliar posicional [estendido, vertical]
V[hor]	Verbo auxiliar posicional [estendido, horizontal]
V[n-est]	Verbo auxiliar posicional [não estendido]
1s	Primeira pessoa do singular
2s	Segunda pessoa do singular
3s	Terceira pessoa do singular
3sfH	Pronome pessoal de terceira pessoa do singular feminino na fala de homem
3smH	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular masculino na fala de homem
3sfM	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular feminino na fala de mulher
3smM	Pronome pessoal de 3ª pessoa do singular masculino na fala de mulher
2p	Segunda pessoa do plural
3p	Terceira pessoa do plural
3pH	Pronome pessoal livre de terceira pessoa do plural na fala de homem
3pM	Pronome pessoal livre de terceira pessoa do plural na fala de mulher